relação, sobre a pessoa como ser relacional e livre, e sobre o ser humano como unidade substancial de alma e corpo. Na segunda parte – «A adveniência da pessoa» –, em outros tantos capítulos, analisa primeiro o steiniano e humano desdobrar-se sobre o sentido do seu próprio ser: depois, sobre a interioridade espiritual como morada de Deus e espaço de doação; o capítulo terceiro incide sobre a economia da salvação; o quarto, sobre cruz e fecundidade; o quinto, sobre o viver da vida de Cristo, no Espírito Santo.

Como se vê, na obra de Edith Stein há, não só uma permanente abertura à transcendência, mas, mais concretamente, uma abertura ao sobrenatural. Uma filosofia que se abre em teologia.

JORGE COUTINHO

AGOSTINHO, Santo, **O Mestre**, col. «Earth Gift», Largebooks Unipessoal, s. l. [Lisboa], 2010, trad. de António Costa, 107 p., 219 x 140, ISBN 978-989-96012-2-2.

Livro muito conhecido, um dos primeiros que o grande Mestre de Hipona escreveu, ainda em plena juventude, em forma de diálogo socrático com seu filho Adeodato, através de uma minuciosa análise do processo de ensino / aprendizagem entre mestre e aprendiz da verdade vai lentamente trazendo à luz que por meio de palavras ninguém ensina a verdade a ninguém. A verdade só se ensina por si mesma, cabendo ao aprendiz dela descobri-la por si mesmo, no interior de si mesmo, a partir dela mesma. O que exteriormente se apresenta como mestre não é mais que um pedagogo cujo papel consiste em levar o aprendiz àquela descoberta. Com efeito, como Agostinho dirá no seu *De vera religione*, «é no interior do homem (ou no

“homem interior”) que habita a verdade». E é a partir daí que ela vem à luz, sendo que a própria verdade interior tem a sua fonte mais remota no Mestre interior, Cristo, o Verbo ou Palavra de Deus, que habita no interior do homem e nele se torna Verbo iluminador.

Este é um clássico da filosofia, muitas vezes reeditado, que mostra, por si mesmo, o valor perene da obra de pensamento daquele que foi chamado, e foi de facto durante muitos séculos, Mestre do Ocidente.

JORGE COUTINHO

AGOSTINHO, Santo, **Da Grandeza da Alma**, col. «Earth Gift», Largebooks Unipessoal, s. l. [Lisboa], 2010, trad. de António Costa, 172 p., 219 x 140, ISBN 978-989-8415-05-9.

Mais um dos «diálogos filosóficos» de Agostinho, *A grandeza da alma* (*De quantitate animae*), com bastante influência do platonismo, procura responder a algumas importantes questões do aluno Evódio a respeito da alma humana. O grande mestre desenvolve o seu discurso dialógico no sentido de mostrar a ascendência da alma sobre o corpo e sobre si mesma e a sua capacidade para a contemplação de Deus. A união da alma com o corpo constituindo um único ser completo com capacidade para existir também em estado de separação – união que Agostinho considerou sempre um dos maiores mistérios da natureza humana – é também aqui versada. A sua essencial vocação é a contemplação da Verdade, que habita, por participação / iluminação no interior do homem (ou na própria alma espiritual) e cuja realização acabada terá lugar no estado de separação, na visão imediata da eterna Verdade que